

## ***Eu Sei Tudo*: a revista feminina e a construção da mulher ideal no início do século XX.<sup>1</sup>**

ALIBIO, Nádia (autora)<sup>2</sup>

STRELOW, Aline (orientadora)<sup>3</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), RS

**Resumo:** Este artigo faz parte de uma pesquisa ainda em estágio inicial sobre a representação da mulher moderna nas páginas da revista *Eu Sei Tudo* durante a década de 1920. Através da História Cultural (Darnton, 2010) e dos estudos de gênero (Butler, 2013), assim como a pesquisa do contexto histórico, busca-se a investigação do processo comunicacional que girava em torno da publicação acerca da mulher neste período. O século XX trouxe diversas mudanças à vida no Brasil. A modernidade, novos sistemas políticos e sociais buscavam espaço no país. A imprensa ganha cores, fotografias e se diversifica em novos gêneros dentro de um novo molde de sistema industrial do jornalismo. As mulheres também vão buscar novos espaços dentro da sociedade, saindo dos espaços privados e buscando representatividade na vida pública. Este artigo traz um breve panorama acerca da trajetória da mulher no Brasil no início do século XX e suas representações na sociedade e na imprensa.

**Palavras-chave:** História Cultural; Imprensa Feminina; Gênero; Jornalismo.

### **Introdução**

A onda de modernização do início do século XX complexificou a sociedade brasileira, que começou a demandar novos produtos culturais. O ideal de progresso técnico e científico chega ao Brasil e se instaura com força na capital federal da época, a cidade do Rio de Janeiro. Bondes elétricos e arranha-céus iam tomando o espaço das carroças e dos cortiços. A imprensa começava a se maquinizar e se profissionalizar. Novas redes ferroviárias aumentavam o alcance da distribuição. Os trabalhadores começavam a se organizar com os primeiros sindicatos. A luta das mulheres por igualdade nessa nova sociedade, pelo direito ao voto, ao trabalho acompanhava o movimento da modernização. Os índices de alfabetização cresciam, assim como as disputas políticas na transição do colonialismo para uma nova era de industrialização.

---

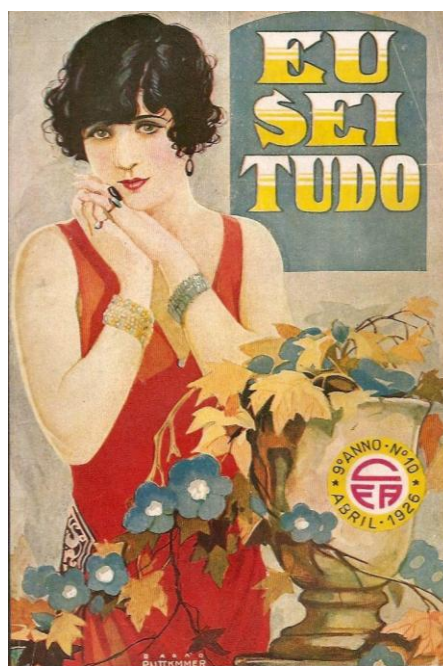
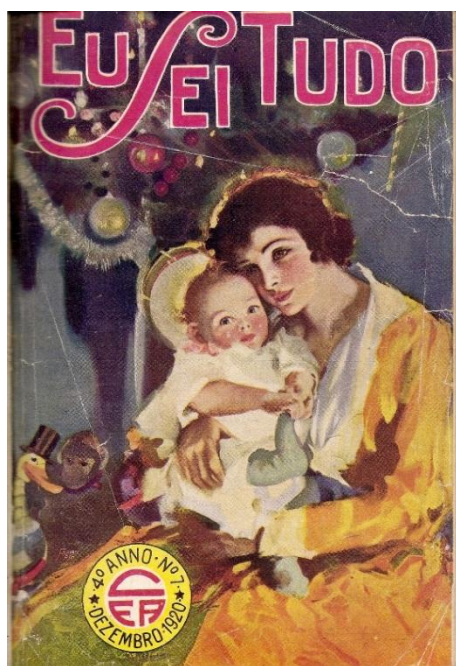
<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT de História da Mídia Impressa, integrante do 10º Encontro Nacional de História da Mídia, 2015.

<sup>2</sup> Estudante de Jornalismo da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: [alibio.nadia@gmail.com](mailto:alibio.nadia@gmail.com).

<sup>3</sup> Professora Adjunta da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutora em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Realizou pós-doutorado em Comunicação na Universidade Metodista de São Paulo. E-mail: [alinstrelow@terra.com.br](mailto:alinstrelow@terra.com.br).

Urbanização, modificações ascensionais na estrutura ocupacional, expansão e melhorias na organização sindical e maior acesso à educação – o Brasil passa de um contingente de 14,8% de alfabetizados em 1890 para 24,5% em 1920 – sem dúvida contribuíram para maior tomada de consciência social, tanto da classe proletária quanto da burguesia, engrossando outros movimentos sociais. (CANO, 2013, p. 907)

O mercado editorial ia se segmentando em produtos segmentados. As revistas femininas, para o entretenimento e informação, eram espaço da construção simbólica dessa nova mulher moderna. Entre muitos títulos produzidos, a revista *Eu Sei Tudo* circulou entre 1917 a 1958. Antes das publicações destinadas às mulheres, surgiram seções em revistas de variedades. Dentre textos sobre esportes, literatura, teatro, artigos científicos, entre outros, havia textos destinados “às leitoras”.



**Figuras 1 e 2:** Capas da Revista *Eu Sei Tudo*. Rio de Janeiro, dezembro de 1920 e abril de 1926.

### O que se sabe sobre *Eu Sei Tudo*

*Eu Sei Tudo* apresentava-se como um “Magazine mensal ilustrado – científico, artístico, histórico e litterario”. Cada edição mensal contava em média com 100 páginas, e era impressa pela Companhia Editora Americana, no Rio de Janeiro. A

publicação reunia uma variedade de assuntos, divididos em seções. Com seu conteúdo voltado para diversos públicos, as capas traziam frequentemente ilustrações de belas mulheres trajando vestidos luxuosos em poses imponentes. Esta pesquisa, ainda em estágio inicial, faz parte do projeto de conclusão de curso em Jornalismo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e visa analisar textos e imagens selecionados da primeira década da revista *Eu Sei Tudo*. Através da História Cultural (DARNTON, 2010) e dos estudos de gênero (BUTLER, 2013), além do estudo do contexto histórico, busca-se a investigação do processo comunicacional e das construções da mulher moderna brasileira nos anos 1920 nas páginas da *Eu Sei Tudo*.

Para compreender os processos de construção simbólica da revista feminina *Eu Sei Tudo* acerca da mulher brasileira da década de 1920, um cruzamento de metodologias será utilizado. Como objetivos, esta pesquisa visa examinar quais elementos formam o ideal da mulher moderna nos textos e imagens selecionadas; pesquisar o contexto social e político da mulher na época; investigar o lugar do leitor na revista; e problematizar as representações femininas nos textos e imagens.

A constatação do elevado número de propagandas de produtos femininos, de produtos para o lar (direcionados ao uso da mulher), e de artigos sobre a moda, sobre o cuidado com os filhos, contos e romances, inferimos que *Eu sei tudo* era endereçada, sobretudo ao público feminino. Isso sem falar das capas que, na sua maioria, trazem fotos de mulheres, projetadas como mulher moderna (FERNANDES, OLIVEIRA, MARQUES, 2008, p. 02).

Na bibliografia levantada até então, há poucas informações sobre a revista. Assim, os estudos de outros periódicos da mesma época servirão de guia para este. Dois trabalhos que utilizam a revista *Eu Sei Tudo* como objeto de pesquisa foram encontrados: a dissertação de mestrado de Fábio Reynol de Carvalho apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem e ao Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo, da Universidade Estadual de Campinas, com o título “Ciência de Almanaque: Como as imagens de *Eu Sei Tudo* construíram uma guerra”; e a dissertação de mestrado de Arminda Nela Martins Lopes, “Ser Mulher-Mãe: A Educação da Saúde nas páginas da *Eu Sei Tudo* nas Primeiras décadas do século XX (1918-1932)”, apresentada no departamento de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Universidade Federal de Minas Gerais.

Na revista *Eu sei tudo* não existiam seções voltadas especificamente às mulheres. Os assuntos destinados a elas se encontram distribuídos por toda a revista, não havendo destaques específicos, a não ser nos primeiros anos da publicação com artigos como “A arte de ser bela”, “Economia Doméstica”, “Novidades em Medicina”. Estas seções se reportavam às leitoras, trazendo conselhos e receitas em relação ao cuidado com a saúde tanto delas quanto de suas crianças (FERNANDES, OLIVEIRA, MARQUES, 2008, p.03).

## **Assuntos de Mulher – Estudos de Gênero e a Imprensa Feminina**

Quais eram os assuntos destinados a esta mulher da década de 1920, como ela era construída? Quais relações há na mulher do início do século passado com a mulher deste século? O olhar para o passado traz sempre em si o presente. Ao olhar para esta revista feminina do início do século XX, não é possível acessar aquela realidade diretamente. Pesquisar os vestígios da época é estudar o contexto e lançar o olhar da mulher do século XXI para a mulher do início do século XX. Ao fazer este exercício, podemos encontrar as relações do passado com os processos atuais, confluências e divergências da época com a atualidade. Reinterpretar o passado para tentar compreender o presente. A representação da mulher na imprensa brasileira é imersa em valores e padrões da sociedade patriarcalista e a imprensa feminina ainda necessita de questionamento e reflexão.

O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual “a natureza sexuada” ou um “sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discursivo”, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura (BUTLER, 2013, p. 25).

1808 é marco inicial da imprensa no Brasil, com a chegada da família real portuguesa ao país. Novas ideias, comportamentos e hábitos chegaram à vida social no Rio de Janeiro. A complexificação da cidade criou novas demandas à vida cotidiana. As novas ideias trouxeram às mulheres brasileiras a luta pela participação política, expressa na luta sufragista no início do século XX, por educação e por participação na vida pública são algumas das novas demandas femininas.



A existência da corte passou a influir na vida da mulher do Rio de Janeiro, exigindo-lhe mais participação. O Rio estava deixando seu caráter provinciano para ser uma capital em contato com o mundo. Dentro deste contexto, a moda assumiu grande importância pra a mulher que morava nas cidades, ainda mais se fosse na corte. As tendências europeias eram copiadas e aí entra o fato imprensa, primeiro com a importação de figurinos vindos de fora e depois com a publicação, aqui, em jornais e revistas que reproduziam gravuras de moda. A necessidade estava criada; havia, portanto, um mercado. Foi por isso que as primeiras publicações dirigidas à mulher no Brasil traziam moda. Jornalismo feminino, nessa época, significava moda e literatura (BUITONI, 2009, p. 31-32).

Na década de 1920, no Brasil, já havia uma parcela significativa de mulheres alfabetizadas. Segundo dados da Diretoria Geral de Estatística (apud. BESSE, 1999, p. 126), em 1920, 28,9% dos homens eram alfabetizados, ao passo que 19,9% das mulheres sabiam ler e escrever no país. No Rio de Janeiro, 64,3% dos homens eram alfabetizados, enquanto 55,8% da população feminina era instruída.

O surgimento de jornais e revistas femininos tem relação com a revolução do capitalismo. Aos poucos, as mulheres vão ampliando seus papéis na sociedade além dos espaços domésticos. Os periódicos destinados a esta camada social já estavam circunscritos em determinados julgamentos. Assim, “entre a literatura e as chamadas artes domésticas, o jornalismo feminino já nasceu complementar, revestido de um caráter secundário, tendo como função o entretenimento e, no máximo, um utilitarismo prático ou didático” (BUITONI, 2009, p. 29).

As publicações dedicadas às mulheres eram poucas no Brasil na virada do século XX. Em 1852, surge no Rio de Janeiro o *Jornal das Senhoras*, editado pela argentina Joana Paula Manso de Noronha. Os “assuntos de mulher” começaram a aparecer em seções de revistas de grande circulação, como “a *Revista da Semana* (Rio de Janeiro-1901), que tinha uma seção intitulada Cartas de Mulher; *Fon-Fon* (Rio de Janeiro - 1907) e *Cigarra* (São Paulo-1914), que embora não fossem concebidas como revistas especificamente para público feminino, traziam informações dirigidas às mulheres” (LIMA, 2007, p. 224). Dulcília Buitoni traz em seus estudos sobre a imprensa feminina, um panorama acerca dessa comunicação peculiar. Podemos encontrar nessas páginas a história dos costumes da época, “um reflexo significativo da vida cotidiana, da economia doméstica, das relações sociais, das mentalidades, das morais e dos esnobismos apaixonados, no seu monótono frenesi de novidade” (SULLEROT, 1963,

apud BUITONI, 2009, p. 29).

Entre as décadas de 1920 e 1930, debates políticos – em especial aqueles ligados ao voto feminino, que passou a valer em 1932 – estimularam o surgimento de periódicos de cunho feminista ou, ao menos, mais politizados, como, por exemplo, a revista *Reacção* (1931), que pretendia ser a representação da reação feminina – de luta – diante das condições sociais da época. A imprensa feminina deste período, segundo Buitoni (2009, p.85), ainda conservava características literárias, que marcaram de forma intensa o jornalismo do século XIX. A ligação com acontecimentos da realidade era quase inexistente e as reportagens, textos e entrevistas também se faziam bem pouco presentes (LOBATO, 2013, p. 07).

Havia um interesse pela instrução feminina crescente desde metade do século XIX, mas dentro desse desejo, a educação da mulher tinha seu lugar delimitado na sociedade e a elas eram destinados conhecimentos circunscritos ao papel social tradicional. Segundo Besse (1999), novas condições sociais e econômicas favoreceram a expansão da educação feminina, mas os valores culturais tradicionais determinaram o conteúdo do aprendizado das mulheres, era uma educação sem emancipação, limitada à preparação da mulher ao casamento e à maternidade. “Considerava-se que somente mulheres com adequada educação intelectual, profissional, cívica, moral e doméstica seriam capazes de cumprir a "missão sublime" de proteger a saúde, alimentar as mentes e formar o caráter dos futuros cidadãos" (BESSE, 1999, p.123).

Muitas vezes, os conteúdos para as mulheres eram de produção quase exclusiva dos homens. As lutas da primeira onda feminista trouxeram espaço e deram poder a uma parcela de mulheres.

Por um lado, a representação serve como termo operacional no seio de um processo político que busca estender a visibilidade e legitimidade às mulheres como sujeitos políticos; por outro lado, a representação é função normativa de uma linguagem que revelaria ou distorceria o que é tido como verdadeiro sobre a categoria das mulheres (BUTLER, 2013, p. 18).

A imprensa feminina mais do que os jornais de circulação geral, está estreitamente ligada ao contexto histórico que cria razões para seu surgimento, e que interfere em cada passo de sua evolução. O “jornalismo sério” – em sua linguagem universal e imparcial – era destinado aos homens e feito por homens. Às mulheres, as revistas de moda e costumes. Essas revistas prezavam a novidade. Mas não com o mesmo critério utilizado às notícias, mas sim à novidade referente à moda, à

modernidade. Segundo Buitoni: “É o novo que lhe confere toda uma ideologia, que faz parte da sua natureza” (2009, p. 29).

Cada novidade é imediatamente incorporada, desenvolvida e disseminada. (...) Quando precisou servir de canal de expressão literária, lá estava ela. Quando as mulheres começaram a reclamar seus direitos, também lá estava ela. Ainda, trazia moda, beleza e conselhos práticos (BUITONI, 1990, p. 24).

Ainda segundo Buitoni (1990), a revista foi se tornando o veículo principal da imprensa feminina. A segmentação do mercado editorial e a consolidação deste público feminino ao longo do século XX são expressas em diversos títulos que circularam na época.

### **História Cultural – olhares do presente sobre o passado**

O cruzamento entre a História e a Comunicação se faz pelo olhar da História Cultural. Os trabalhos da pesquisadora Marialva Barbosa investigam e aplicam o modelo do circuito comunicacional de Robert Darnton. Aqui, enxerga-se na imprensa vestígios da história, não como um retrato que nos faz acessar exatamente a realidade do momento estudado. O que liga as esferas da História e da Comunicação é a construção da narrativa dos homens. Os estudos da História Cultural implicam na interpretação do contexto em que as narrativas são contadas, e por quem são contadas. Peter Burke traz a influência do pensamento feminista para este exercício de reescrever a história. Segundo o autor, a tomada de poder das mulheres estava também relacionada a contar histórias silenciadas por séculos. “O passado não é fixo: é materializado pelas recordações e sempre transformado pela interpretação que fazemos acerca desse passado” (BARBOSA, 2009, p. 16). As narrativas feministas são preocupadas “tanto em desmascarar os preconceitos masculinos como em enfatizar a contribuição feminina para a cultura, praticamente invisível na grande narrativa tradicional” (2005, p. 65).

Para compreender a história da imprensa, Barbosa nos ensina que é preciso olhar para um passado “no qual estão engendradas relações sociais, culturais, falas e não ditos. Compete ao historiador perguntar pelos silêncios e identificar no que não foi dito uma razão de natureza muitas vezes política” (2007, p. 15). O modelo do circuito

comunicacional proposto por Darnton (2010, p. 127) sugere que o pesquisador deva atentar não apenas para fatos históricos isolados, mas ao contexto em que estão inseridos. A comunicação é assim entendida como um fluxo entre os diversos atores que produzem significados dessas produções. Os escritores produzem narrativas a partir de subjetividades e assim também serão as interpretações dos leitores. Essa análise busca investigar o papel da mulher na complexidade dos sistemas sociais, econômicos e culturais dos quais fizeram parte na primeira década de produção da revista *Eu Sei Tudo*.

Outro questionamento que Marialva Barbosa traz em seus estudos e que pretendo problematizar é o foco dos estudos de comunicação terem uma natureza presentista. Segundo a autora, este contexto é fruto de “múltiplas ordens e lugares: o lugar do poder, o lugar do saber e o lugar simbólico” da comunicação (BARBOSA, 2012, p. 146).

A linguagem, ao se transformar pelos múltiplos processos comunicacionais, não é apenas mera inscrição: passa a ser significado, no qual estão imersos o sentido e a referência, ou seja, o caráter dialógico do discurso, que torna possível a sua interpretação. Mas a interpretação é feita na ausência e não na presença. Em todo ato comunicacional há sempre múltiplas vozes autorais e a inscrição de múltiplos autores: todos aqueles que irão se apropriar do mundo que está sempre contido no texto. Assim, compreender não é repetir o evento do discurso, mas gerar um novo acontecimento, que começa exatamente no texto em que esse evento inicialmente se objetivou (BARBOSA, 2012, p. 150).

### **Uma abordagem metodológica múltipla**

A partir da aplicação da História Cultural para os estudos de comunicação (BARBOSA, 2009 e DARNTON, 2010), busca-se a análise do circuito comunicacional que permeava a produção da revista *Eu Sei Tudo* na primeira década de existência. A ênfase da pesquisa é encontrar as vozes das mulheres que participaram da produção da revista, em cartas de leitoras, textos e imagens a serem analisados e levantamento de informações acerca da redação, mas também as vozes que foram silenciadas neste processo, as mulheres que não foram contempladas nas narrativas jornalísticas e historiográficas.



O estudo do corpus será feito a partir da análise de conteúdo textual mesclada à análise semiológica das imagens da revista *Eu Sei Tudo* ainda a serem selecionadas. (BAUER, GASKELL, 2002, e BARDIN, 2011). Segundo Bauer e Gaskell, estes procedimentos reconstróem a representação em duas dimensões: a sintática e a semântica. “Procedimentos sintáticos enfocam os transmissores de sinais e suas interrelações. A sintaxe descreve os meios de expressão e influência, como algo é dito ou escrito” (2002, p. 192). A escolha, cruzada com a contextualização dos dados interpretados e as pesquisas bibliográficas dos produtores em torno da *Eu Sei Tudo* e pesquisa documental em busca de dados sócio-econômicos da população feminina da época vão ajudar a vislumbrar a complexidade da representação.

A categorização e a codificação das análises serão guias para encontrar nos textos marcadores e indicadores de tendências. As categorias ainda serão definidas. De modo que “cada unidade de texto deve se ajustar a um código, e nenhuma pode ser excluída” (BAUER, GASKELL, 2002, p. 201). A categorização visa a valoração qualitativa dos dados, de modo que a amostra a ser selecionada recorte textos e imagens relevantes e possíveis de análises mais aprofundadas sobre as representações da mulher moderna.

A escolha pelo cruzamento entre a análise de conteúdo e a análise semiológica é uma forma de tentar compreender as construções de sentido do objeto de forma plural e complementar, em que texto e imagem trabalham juntos para fornecer a informação. “Todo o sistema semiológico possui uma mistura linguística” (BARTHES, 1964, *apud* BAUER, GASKELL, 2002, p. 321). A partir da seleção do *corpus*, é o momento de identificar os elementos, construindo um inventário denotativo sistemático. É o estágio denotativo da análise: a dissecação e catalogação dos elementos básicos do material (BAUER, GASKELL, 2002, p. 326). “Em uma visão geral, o processo de análise pode ser descrito como uma dissecação seguida pela articulação ou reconstrução da imagem semanticizada.” (BAUER, GASKELL, 2002, p. 325)

Outro estágio é a análise de níveis de significação mais altos. Ele é constituído a partir do inventário denotativo e vai gerar perguntas relacionadas a serem pensadas sobre os elementos analisados. A conotação é a carga ideológica que articula os elementos no nível da interpretação para além da representação separada dos elementos.

A busca pela articulação dos significados e pela interpretação mais profunda dos elementos. As perguntas vão nortear este olhar procurando detalhes e ligações dentro dos caminhos plurais da interpretação e do significado. A construção do mito é feita pela articulação invisível destes elementos. As análises imagéticas serão interpretadas a partir da construção estética do modernismo.

O texto verbal vai orientar a leitura das imagens, dentro dos possíveis sentidos da imagem na produção de sentido, em que “o detalhe não deve ser visto como puramente secundário, dependente da estrutura do mito: ele é importante em si mesmo, e especialmente útil como um índice social potencial” (BAUER, GASKELL, 2002, p. 336). A construção de mapas conceituais da análise serão cruzadas com a análise de conteúdo textual, de forma que os sentidos de imagem e texto se complementem. Assim como as imagens vão influenciar e reforçar sentidos do texto. A seleção do *corpus* será definida por unidades que contenham texto e imagem na construção de sentido.

### **Considerações Finais**

Numa época em que a educação era encarada como toda-poderosa - base da prosperidade, da moralidade, da saúde, da ordem social e do poder internacional -. a educação das mulheres (bem como a dos homens) era aceita como pré-requisito básico do bem-estar nacional (BESSE, 1999, p. 122).

O início da modernização no Brasil trouxeram diversas transformações para a sociedade. O modo de produção industrial foi substituindo os antigos modelos de produção. O capitalismo e a burguesia iam se solidificando aos poucos no país, e seus sistemas de hábitos e comportamentos sociais. A mulher neste contexto passa a procurar outros espaços de vivência nas escolas, no mercado de trabalho e na vida social. Entretanto, ainda que os espaços de sociabilização da mulher estivessem se alargando, seus papéis ainda eram circunscritos no âmbito privado e doméstico. Sua instrução serviria de base para auxiliar nos seus papéis de mãe e esposa.

Neste contexto, as construções simbólicas também vão contribuir para cercar estes valores. O avanço do público leitor e do modelo empresarial do jornalismo trouxe às bancas uma variedade de produtos, no modelo capitalista. As revistas serviam como

porta-vozes desta nova era moderna, com avanços técnicos de distribuição, impressão e de conteúdo. Entretanto, o jornalismo vai ter um papel de construção simbólica normativo, conservador e mantenedor destes hábitos e morais nesta nova etapa.

Judith Butler traz o dever da crítica feminista pós-estruturalista de “compreender como a categoria das “mulheres”, o sujeito do feminismo, é produzida e reprimida pelas mesmas estruturas do poder por intermédio das quais busca-se emancipação” (2013, p. 19). Por vezes, as representações sobre a “modernidade” da época se fazem oprimindo, mesmo quando a construção é elaborada com propósitos emancipatórios (BUTLER, 2013, p. 22). Neste novo lugar – a representação da imprensa – a demarcação dos papéis hegemônicos de gênero ainda eram fortes. Ainda como um marco no avanço para sociedade, muitas mulheres que não se enquadravam no padrão da representação dessas revistas, e assim, estavam fora dessa narrativa. Com a presente análise, pretendo lançar um olhar especial ao que está fora da norma, à valorização e à hierarquização de determinado tipo de mito da mulher. É preciso um olhar mais aprofundado para compreender as relações de poder que passavam pelas páginas da época. Este é o início de uma pesquisa sobre como estes mecanismos sedutores com imagens belas e coloridas produziam efeitos de normatizar e reforçar papéis tradicionais na vida da mulher no processo de compreensão crítica desse sistema imerso de subjetividades.

O movimento de resgate das narrativas femininas faz parte de um processo de reescrita da História, em que nos relembra Perrot (2006), que o silêncio sobre a história das mulheres é relacionado ao seu silenciamento nas esferas políticas, por muito tempo privilegiadas como os locais exclusivos do poder masculino. A busca por relações igualitárias na sociedade entre homens e mulheres segue sendo uma pauta presente e compreender qual o papel do jornalismo nestas construções simbólicas de desigualdades de gênero é ainda um tema relevante e urgente.

## Referências

- BAUER, Martin. GASKELL, George (orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- BARBOSA, Marialva. Comunicação e história: presente e passado em atos narrativos. In: **Comunicação, mídia e consumo**. Revista do Programa de Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo. São Paulo: ESPM, 2009.
- \_\_\_\_\_. **História cultural da imprensa: Brasil - 1900-2000**. 2. ed. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.
- \_\_\_\_\_. **O presente e o passado como processo comunicacional**. In: Matrizes: revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo. São Paulo, Disponível em:  
<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/253/pdf> (Acesso em: 22/09/2014)
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BESSE, Susan Kent. **Modernizando a desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil, 1914-1940**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.
- BRAGA, Adriana. **Corpo e Mídia: fragmentos históricos da imprensa feminina no Brasil**. I Encontro Nacional Da Rede Alfredo De Carvalho (2003). Disponível em:  
<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/1o-encontro-2003-1> (Acesso em 22/09/2014)
- BUITONI, Dulcília Helena S. **Imprensa Feminina**. São Paulo: Ática, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Mulher de papel: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira**. São Paulo: Edições Loyola, 1981.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão de identidade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- CANO, Wilson. **DA DÉCADA DE 1920 À DE 1930: transição rumo à crise e à industrialização no Brasil**. Revista de Políticas Públicas, v. 16, n. 1, 2013. Disponível em: [http://www.anpec.org.br/revista/vol13/vol13n3bp897\\_916.pdf](http://www.anpec.org.br/revista/vol13/vol13n3bp897_916.pdf) (Acesso em 16/03/2015).
- DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.
- DE CARVALHO, Fábio Reynol. **Ciência de Almanaque: Como as imagens de Eu Sei Tudo construíram uma guerra**. (Dissertação de mestrado) Instituto de Estudos da Linguagem e ao Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo, da Universidade Estadual de Campinas, 2011.
- DEL PRIORE, Mary Lucy Murray (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.
- DOURADO, Rosiane de Jesus. **As formas modernas da mulher brasileira (1920-1939)**. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Artes e Design, 2005.
- FERNANDES, Arminda Nela Martins Lopes. OLIVEIRA, Bernardo Jefferson de. MARQUES, Rita Cássia. **A Educação da Saúde da Mulher-Mãe e da Criança na Revista Eu Sei Tudo nas Primeiras Décadas no Século XX (1910-1930)**. Trabalho

apresentado no eixo temático de Movimentos sociais, geração, gênero e etnia na História da Educação do V Congresso Brasileiro de História da Educação, 2008. Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe5/pdf/718.pdf>. (Acesso em: 15/09/2014)

FERREIRA, Verônica C. **Entre emancipadas e quimeras—imagens do feminismo no Brasil**. Cadernos AEL, v. 2, p. 3, 1995. Disponível em: [http://segall.ifch.unicamp.br/site\\_ael/publicacoes/cadernos/cad-3/Artigo-5-p153.pdf](http://segall.ifch.unicamp.br/site_ael/publicacoes/cadernos/cad-3/Artigo-5-p153.pdf) (Acesso em: 14/09/2014)

LIMA, Sandra Lúcia Lopes. **Imprensa feminina, revista feminina. A imprensa feminina no Brasil**. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 35, n. 2, 2007. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/2219/1320> (Acesso em: 15/09/2014)

LOBATO, Mayara Luma Maia. **A trajetória do feminino na imprensa brasileira: o jornalismo de revista e a mulher do século XX**. Trabalho apresentado no GT de História do Jornalismo, integrante do 9º Encontro Nacional de História da Mídia, 2013. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-do-jornalismo/a-trajetoria-do-feminino-na-imprensa-brasileira-o-jornalismo-de-revista-e-a-mulher-do-seculo-xx> Acesso em: 22/09/2014)

OLIVEIRA, Claudia Maria de Silva de. **Rio femme - mulher Rio : a representação do amor e da sexualidade nas revistas ilustradas cariocas Fon-fon! e Para todos... (1900-1930)** Artigo. In: ArtCultura. Uberlândia, MG. Vol. 10, n. 16 ( jan./jun. 2008), p. 201-213. (Disponível em: [http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF16/C\\_Oliveira.pdf](http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF16/C_Oliveira.pdf) Acesso em 07/09/2014)

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.